

"NÃO HÁ LUGAR COMO O LAR":

K-cover como jornada de auto(re)conhecimento de corpos soteropolitanos e suas danças

IVANA CARVALHO MARINS¹

Universidade Federal da Bahia

RESUMO | Esta proposta busca explorar a relação semiótica entre o filme "O Mágico de Oz" e a prática da dança K-pop em Salvador que, ao ser apropriada e reinterpretada por corpos baianos, especialmente os periféricos, opera como uma jornada de auto(re)conhecimento. Tem-se como hipótese que essa prática se configura como uma jornada de auto(re)conhecimento de suas próprias raízes culturais. Metodologicamente, buscar-se-á discutir, por meio de revisão bibliográfica e videográfica, possibilidades de desabordamentos da dança K-pop cover em Salvador. Espera-se, como resultado, que a hipótese de auto(re)conhecimento pela dança K-cover seja confirmada.

PALAVRAS-CHAVE: K-cover em Salvador; O Mágico de Oz; Auto(re)conhecimento pela dança.

PROPOSTA

O longa metragem "Mágico de Oz" (1939), baseado na obra de L. Frank Baum (1900), se tornou um marco da cultura pop e reconfigurou as possibilidades visuais do cinema, pelo pioneirismo do technicolor, uma tecnologia que apresentava cores vibrantes, pela mensagem política, pelos personagens icônicos etc. Dorothy, uma jovem moradora do Kansas, após um desentendimento com a família, é levada, com seu cachorrinho Toto, por um tornado para uma terra mágica chamada Oz. No momento da "aterrissagem", Dorothy profere uma das frases mais icônicas da história do cinema que é "Toto, I've a feeling we're not in Kansas anymore" (Toto, tenho a sensação de que não estamos mais no Kansas), como uma constatação de que adentrou um outro mundo, bem distinto do acinzentado estado do centro-oeste estadunidense, sua terra natal. Dorothy é retirada do lugar onde habita por um ciclone, que pode ser uma metáfora para a força que a transporta para, literalmente, um novo mundo; o rodopio é o giro que promove a mudança para a percepção de uma nova realidade abundância e de cores vibrantes. Nessa terra féérica, Dorothy precisa encontrar o mágico, a única pessoa que pode lhe ajudar a retornar ao seu lar. Nessa jornada, ela caminha por uma estrada dos tijolos amarelos (uma alusão a "luz", a um caminho de "iluminação") e vai ganhando parceiros que estão em busca daquilo que acreditam lhes faltar: o Espantalho, que deseja um cérebro; o Homem de Lata, que deseja um coração e; o Leão, que deseja ter coragem. Na verdade, todos esses atributos sempre habitaram esses corpos e a jornada é, na verdade, um processo de autoconhecimento

¹Bacharela Interdisciplinar em Saúde (BI Saúde/UFBA). Licenciada em Dança (UFBA). Especialista em Gênero e Sexualidade na Educação (IHAC/UFBA). Mestra em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU/UFBA), Doutoranda em Dança (PPGDança/UFBA). Servidora Técnico-Administrativa/UFBA; ivy@ufba.br.

proporcionado pelas adversidades impostas no percurso. E Dorothy se dá conta de que “não há lugar como o lar”.

Se o Kansas fosse a Bahia, O Mágico Mundo de Oz seria a dança K-pop pois, corpos baianos e abaianados, ao serem levados pelo tornado da cultura pop sul coreana midiaticizada e globalizada, “aterriçaram” em um mundo de dança que, apesar de estar a serviço da indústria do entretenimento, propiciou a “constatação” (na verdade, mais uma confirmação) de que já possuíam tudo o que procuravam (ou não): inteligência, coragem e amor, que aqui ressignificarei para novos processos cognitivos, obstinação e afetos, respectivamente. Esses signos estão, em tríade, envolvidos no aprendizado de incontáveis coreografias e na produção de outros modos de dança, na persistência de continuar a dançar, especialmente nas ruas e espaços públicos (e até na Universidade Pública) e na tessitura de redes de afetos a partir do K-pop.

Como bem dizem Thiago Soares e Lúcio Silva (2022), a prática cotidiana de grupos de ações que remetem performaticamente a artistas do pop sul coreano, promove, no decurso de pistas, resíduos e informações, a construção de uma vivência em rede (Dorothy e os amigos = grupos de K-cover) que se conecta àquela encenada midiaticamente pelos *idols*. Devido a seu caráter recente, menos de duas décadas, Krystal Urbano e Gabriela Kautscher (2018), revelam-nos que não há ainda uma historiografia consolidada sobre a prática K-cover no Brasil, contudo, os vídeos de *dance practice* (prática de dança em inglês) servem como uma espécie de tutorial o aprendizado das coreografias. E é por intermédio dessa prática que uma jornada de auto(re)conhecimento acontece.

Na Bahia, mais especificamente sua capital, Salvador, corpos periféricos (lugares geográfico e social), ocupam o centro da cidade; em uma leitura semiótica, tornam-se os corpos centrais nos eventos de K-cover pois, não são os corpos da elite que prevalentemente vão performar nos espaços públicos, em sua maioria, praças de bairros ditos “nobres”; são os corpos da periferia geográfica e da periferia do lugar social: corpos pretos, corpos de tamanhos não-padrão, corpos LGBTQIAPNB+... No K-pop baiano, os corpos reconhecem danças de seu cotidiano e de sua ancestralidade também, como uma constatação de que, ainda que o universo K-pop pareça mágico e mais colorido (e ele é muito), a jornada de auto(re)conhecimento por meio do K-cover e outras danças que insurgem desse desbordamento da cultura sul coreana, confirmam que “não há lugar como o lar”.

Como objetivo principal, esta proposta busca estabelecer uma relação semiótica entre a prática da dança K-pop, seja pelo K-cover, seja por suas reinterpretações e ressignificações, especialmente na cena soteropolitana, com a obra O Mágico de Oz. Como hipótese, indica-se que essa prática se configura como uma jornada de auto(re)conhecimento, compreendendo que a estrada de tijolos amarelos e a dança K-pop é o tornado que faz os corpos que a praticam, rodopiarem.

Como estratégia metodológica, penso em discutir, por meio de revisão bibliográfica (artigos, TCCs, dissertações etc.) e videográfica (vídeos de K-pop cover da cena Salvador no YouTube), possibilidades de desabordamentos como a fusão de K-pop



e pague, a incorporação de danças da cultura Ballroom, reinterpretação e produção de novas coreografias. Como resultados, espera-se que a hipótese de auto(re)conhecimento de danças do repertório cultural da cidade e das pessoas participantes da cena K-cover soteropolitana, bem como de novos caminhos cognitivos produzidos por essa dança, seja confirmada.

Cabe informar que esta proposta está vinculada à minha pesquisa de Doutorado, cujo título provisório é “De Taemin a Salvador: fluidez e fluxos na/da Dança K-pop”, que tem como eixos teóricos centrais (até o presente momento) ‘Teoria Corpomídia’ de Katz e Greiner (2005); o estudo etnográfico da relação dança K-pop e fãs da pesquisadora sul coreana em dança Chuyun Oh (2015); os estudos em ‘Semiótica da Cultura’ de Iuri Lotman (1996; 1999); ‘Problemas e Questões de Gênero’ e ‘Corpos em aliança e a política das ruas’ de Judith Butler (2018). Também são relevantes os conceitos de Indústria Cultural de Theodor Adorno e Marx Horkheimer (1944), da Reprodutibilidade técnica da obra de arte de Walter Benjamin (1936), de Orientalismo de Edward Said (2007), além de outros.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. L. W.; HORKHEIMER, M. [1944]. **Dialética do Esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutividade técnica. **Obras escolhidas:** magia e técnica, arte e política. 1936.

KATZ, Helena; GREINER, Christine. Por uma teoria do corpomídia. In: GREINER, Christine. **O corpo:** Pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

LOTMAN, I. Acerca de la semiosfera. In: **La semiosfera I.** Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

LOTMAN, Yuri M. **Cultura y explosión.** Barcelona: Editora Gedisa, 1999.

OH, C. Queering spectatorship in K-pop: The androgynous male dancing body and western female fandom. **Journal of Fandom Studies**, v. 3, n. 1, pp. 59–78, 2015.

SAID, E. W. **Orientalismo:** o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2 ed. 2007.

SOARES, Thiago; SILVA, Lúcio Souza Ferreira. Coreografias de gênero em covers de K-pop. **Intexto**, n. 53, p. 110437-110437, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/110437/86249>. Acesso em: 08 mar. 2025.



URBANO, Krystal; KAUTSCHER, Gabriela. A emergência da cena k-cover no Brasil. **I Colóquio Mídia, Cotidiano e Práticas Lúdicas**, v. 1, p. 99-122, 2018.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/332586652_A_EMERGENCIA_DA_CENA_K-COVER_NO_BRASIL. Acesso em: 08 mar. 2025.